

GÊNERO E REPRESENTAÇÕES DE FEMINILIDADES E MASCULINIDADES NA SÉRIE *EUPHORIA*: TENSIONAMENTOS POSSÍVEIS¹

Eixo Temático 29 – Pedagogias de Gênero e Sexualidades em Mídias e Artefatos Culturais.

Larissa Goya Pierry²
Catiele dos Santos³
Adriane Roso⁴

RESUMO

Este ensaio teórico reflexivo objetiva analisar como feminilidades e masculinidades são retratadas na série norte-americana *Euphoria* (2019), buscando identificar como as mídias podem atuar na desconstrução de narrativas heteronormativas de masculinidades e feminilidades hegemônicas. Sustentadas no método da Hermenêutica de Profundidade - HP, em sua etapa sócio-histórica, selecionamos uma cena da série para análise à luz dos Estudos de Gênero. Identificamos que as personagens performam feminilidades e masculinidades hegemônicas, baseadas em lógicas binárias e heteronormativas. O(s) modo(s) como estes construtos são retratados na série revelam contribuições da mídia no tensionamento de representações normativas da sexualidade e do binarismo de gênero.

Palavras-chave: Mídia Visual; Heteronormatividade, Gênero.

¹ Este estudo recebeu apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES (Programa Demanda Social -DS) e do CNPq (Bolsa de Produtividade em Pesquisa)

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria - RS. Bolsista CAPES, larissapierry@gmail.com;

³ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria - RS. Bolsista CAPES, cati92sw@gmail.com;

⁴ Professora orientadora, Pós-Doutora, Docente do Curso de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) - RS. adriane.roso@ufsm.br.

INTRODUÇÃO

Iniciamos este ensaio trazendo o conceito de gênero como compreendido por Joan Scott (2019), isto é, uma categoria de análise crítica ao par binário homem-mulher, uma forma primeira de significar relações de poder que possui uma dimensão relacional, baseada nas diferenças percebidas entre os sexos. Da mesma forma, compreendemos a heteronormatividade enquanto um dispositivo inserido dentro de uma lógica que demanda coerência e pressupõe uma relação simétrica e compulsória entre “sexo, gênero, prática sexual e desejo” (JUDITH BUTLER, 2015, p. 43), sendo que a norma binária e rígida acaba por solapar outras possibilidades de expressão de gênero, apagando a existência de quem não se adequa a essa matriz cultural.

Neste ensaio teórico reflexivo, sustentadas nas questões norteadoras: "de que forma a heteronormatividade está representada nas mídias e o quanto estas podem contribuir na desconstrução ou na manutenção da lógica binária que mantêm estereótipos hegemônicos de gênero?", buscamos discutir como as feminilidades e masculinidades são retratadas na série norte-americana *Euphoria* (2019), por meio da análise de uma cena e das ações de algumas personagens durante a mesma. *Euphoria* é uma série criada por Sam Levinson, contando atualmente com duas temporadas (2019-2022). Tem a adolescência como tema central da narrativa, abordando uma série de questões e conflituosas humanas, como o uso de substâncias, sexualidade, relacionamentos afetivo-sexuais, relações familiares, saúde mental, luto, além de questões que envolvem gênero, sexualidades e suas expressões.

As personagens que protagonizam a cena analisada são Nate Jacobs (Jacob Elordi) e Maddy Perez (Alexa Demie). A escolha do momento ocorre a partir do entendimento de que tal recorte figurativo estreita relações com os construtos trabalhados na presente escrita. Nate Jacobs é um dos protagonistas de *Euphoria*, representado como um jovem cis, branco e heterossexual de classe média alta, proveniente de uma família burguesa. Está em consonância com os aspectos trazidos por Guacira Lopes Louro (2018) para caracterizar uma masculinidade normativa, associada à status e poder, “dura, forjada no esporte, na competição e numa violência consentida” (p. 11).

Em relação a elementos presentes em relação às feminilidades hegemônicas, suas representantes são ensinadas a serem “dóceis, discretas, gentis, a obedecer, a pedir licença, a pedir desculpas” (ibid., p. 11). É possível identificar algumas dessas características em Maddy, que possui um relacionamento amoroso instável com Nate, de quem é colega na escola. É importante notar que Maddy é uma mulher de origem latino-americana, sua mãe é manicure e o pai desempregado, portanto, há um recorte de gênero, raça e classe que a diferencia em relação à posição social de Nate e sua família.

Sinalizamos a importância de serem discutidas obras culturais que trazem representações de gênero e sexualidade, pelo potencial que possuem de veicular e (des)construir significados sobre esta temática, o que vai ao encontro do referencial teórico escolhido, os Estudos de Gênero. Afinal, estes permitem uma leitura crítica sobre as formas simbólicas e as relações de poder e dominação que perpassam este meio. Podemos pensar que a própria série, enquanto um artefato cultural, está submetida às pedagogias da sexualidade (GUACIRA LOPES LOURO, 2018) de uma sociedade heteronormativa, porém, pode produzir aberturas a outras formas de expressão de gênero e sexualidades, problematizando modos tradicionais e conservadores de vivenciar tais aspectos da vida.

METODOLOGIA

Esse estudo de natureza qualitativa e reflexiva sustenta-se no aporte teórico dos Estudos de Gênero (ROBERT CONNELL; JAMES MESSERSCHMIDT, 2013; JUDITH BUTLER, 2015; RICHARD MISKOLCI, 2017; FLÁVIA BIROLI, 2018; GUACIRA LOPES LOURO, 2018; JOAN SCOTT, 2019). O estudo compõe um projeto de pesquisa maior (guarda-chuva) de nível superior, intitulado “Políticas de Reprodução no Mundo Cibernético: Estudos sobre Tecnologias Contraceptivas, (In) fertilidade e Representações Sociais de Masculinidades/Feminilidades” (CAAE 20532119.4.0000.5346).

Com o intuito de analisar uma cena da série *Euphoria*, utilizamos os pressupostos dos Estudos de Gênero, optando pela Hermenêutica de Profundidade - HP - como método referencial de análise (JOHN B. THOMPSON, 2011). A HP é composta por três fases interdependentes e complementares: a análise sócio-histórica, a análise discursiva e a interpretação/reinterpretação. Neste trabalho, elencamos somente a

análise sócio-histórica enquanto ferramenta de análise, cujo objetivo apresentado é reconstruir as condições sociais e históricas de produção, circulação e recepção das formas simbólicas.

O primeiro passo consiste em uma descrição geral da série, principais temáticas abordadas, bem como uma breve contextualização histórica, em termos de política, mídia e questões de gênero. Em seguida, a cena selecionada é interpretada à luz dos Estudos de Gênero. Para tanto, retomamos o conteúdo da cena, utilizando a atenção flutuante e operadores teóricos centrais Masculinidade Hegemônica, Feminilidade Hegemônica e Heteronormatividade, apoiando-nos em autores que possibilitam o pensar crítico sobre a sociedade (e.g., (ROBERT CONNELL; JAMES MESSERSCHMIDT, 2013; JUDITH BUTLER, 2015; RICHARD MISKOLCI, 2017; FLÁVIA BIROLI, 2018; GUACIRA LOPES LOURO, 2018; JOAN SCOTT, 2019).

A cena selecionada para ser apresentada neste trabalho envolve a relação entre as personagens Maddy Perez e Nate Jacobs, no episódio 5 da primeira temporada, denominado “03 *Bonnie and Clyde*”. A pertinência da série para este trabalho reside nas possibilidades que ela oferece de diálogo e debate acerca dos modos como as mídias sociais e as produções audiovisuais podem contribuir para a desconstrução e tensionamentos das narrativas heteronormativas e de masculinidades e feminilidades hegemônicas contemporâneas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao realizarmos uma análise sócio-histórica, buscamos reconstruir as situações no espaço e no tempo, isto é, enquadrar os campos de interação da cena/obra, a estrutura social da qual faz parte e a integração desta com as relações de poder e possíveis assimetrias em sua distribuição, alertando, igualmente, para os elementos de gênero, raça, classe, etnia, política, entre outros. Nessa perspectiva, salientamos que a recepção da série nos Estados Unidos da América (EUA) tem sido controversa, desde a primeira temporada (2019).

Inclusive, à época de seu lançamento, o Conselho de Pais da TV norte-americana emitiu um comunicado, no qual solicitou a retirada da série do ar, devido ao conteúdo “adulto” veiculado por meio desta. Todavia, o pano de fundo deste discurso, especialmente na entrevista concedida pelo presidente do conselho, Tim

Winter, a *Fox News*, faz referência aos valores conservadores e ideais da família nuclear burguesa (heterossexual) tradicional, afinal, a série também enfatiza vivências relativas a sexualidades que fogem à regra heteronormativa. No contexto brasileiro, embora diante de um cenário diverso do americano, podemos associar este fato à ascensão de movimentos conservadores, em defesa da família e dos bons costumes e contra a corrupção, com destaque para as bandeiras "anti gênero" e contra a "ideologia de gênero" (RICHARD MISKOLCI, 2017; FLÁVIA BIROLI, 2018).

Na cena que propomos analisar e discutir, acompanhamos a personagem Maddy, de dezessete anos de idade, em alguns momentos de seu relacionamento com Nate, que começa a partir de investimentos românticos dele. É mostrado o quanto Maddy já se interessava por Nate, mas não o demonstrava, esperando por uma iniciativa dele, o que se configura enquanto um aspecto que se apresenta com frequência dentro do dispositivo da heteronormatividade, cujo funcionamento implica relações de poder implícitas que o sustentam.

A preocupação de Maddy em oferecer uma imagem que atenda às expectativas do namorado, envolvendo a virgindade, a disponibilidade sexual e a monogamia, podem estar relacionadas a características associadas à feminilidade hegemônica, à função de agradar e se submeter a demandas do parceiro. A associação da feminilidade a estes aspectos retratados na série vai ao encontro do exposto por Louro (2018), no que tange às pedagogias da sexualidade (o que é esperado) relacionadas ao feminino.

A objetificação de Maddy é ressaltada mediante um viés pedagógico, sobretudo ao vermos a personagem assistindo a vídeos pornográficos, não para consumo próprio, mas para conseguir aprender como performar durante o ato sexual, porque "*se você faz o cara se sentir confiante e poderoso... bom, ele faz qualquer coisa*", como é narrado no episódio por uma voz *in-off*. No entanto, a simulação e teatralização do ato sexual feita por Maddy, ao mesmo tempo em que aponta para uma submissão e apagamento do desejo feminino, mostra o quanto o dispositivo heterossexual é forjado por meio de práticas e discursos, deste modo, desnaturalizando-o e questionando-o.

Considerando o exposto, vamos ao encontro do que Judith Butler (2015) sinaliza quando diz que há "possibilidades subversivas da sexualidade e da identidade dentro dos próprios termos do poder" (p. 65), ou seja, há formas de produzir deslocamentos que provocam "confusões de gênero". Neste caso, podemos pensar que os tensionamentos às relações de poder representadas pela heteronormatividade e aos

construtos de masculinidades e feminilidades, podem ocorrer e ser difundidos por meio de narrativas de uma série televisiva, neste caso, em *Euphoria*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por intermédio de um olhar crítico interpretativo para as formas simbólicas presentes nas mídias sociais, em especial os seriados televisivos, é possível identificar que algumas perspectivas e significados estão sendo (re)produzidos e veiculados acerca de masculinidades e feminilidades. Logo, a análise e discussão acerca de mídias culturais podem proporcionar informações importantes e dar notícias sobre como relações de gênero e sexualidades estão sendo compreendidas em uma determinada sociedade, em uma dada época histórica e contexto cultural.

Ao nos debruçarmos sobre uma cena da série televisiva *Euphoria*, identificamos que o dispositivo da heteronormatividade segue operante nas narrativas que envolvem as personagens do seriado, determinando, em alguma medida, suas vidas e relações. No entanto, há momentos em que esse “roteiro” da masculinidade e feminilidade hegemônicas foge ao que é esperado, possibilitando uma certa ruptura com padrões normativos de gênero e sexualidade. A partir disso, ressalta-se a importante função das mídias e obras culturais em problematizar formas de se vivenciar o gênero e as relações de poder que este implica, por meio de significados e de formas simbólicas complexas, e por vezes, contraditórias que veiculam.

Cientes da complexidade de analisar criticamente formas simbólicas midiáticas, enquanto limitação deste estudo, destacamos que a cena analisada consiste em um fragmento de uma reflexão maior, em desenvolvimento pelas autoras. Salientamos, ainda, que não é nossa intenção saturar as possibilidades de interpretação da mesma cena, bem como dos conteúdos e significados possíveis atribuídos às masculinidades, feminilidades e às questões de gênero; visto constituírem fenômenos atravessados por diversos fatores e contextos, que se inter relacionam.

REFERÊNCIAS

BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades: os limites da democracia no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018, 252p.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CONNEL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, jan.-abr. 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/cPBKdXV63LVw75GrVvH39NC/?format=pdf&lang=pt>> . Acesso em: 14 jun. 2022.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2018, 224 p.

MISKOLCI, Richard. “Ideologia de gênero”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. **Sociedade e Estado**, v. 32, n. 3, 725-747, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0102-69922017.3203008>. Acesso em: 16 jun. 2022.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 49-80.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. 9 ed. - Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011. 427 p.